


Enunciação e tradução em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* e *Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus* /

*Enunciation and Translation in 'Quarto de despejo: diário de uma favelada' and 'Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesus'*


*Poliana Soares\**

Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS, Brasil. Doutoranda e Mestra em Processos e Manifestações Culturais. Bolsista Capes e professora de Língua Inglesa em Ensino Bilíngue.

 <https://orcid.org/0000-0003-3241-5916>

*Marinês Andrea Kunz\*\**

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil. Doutora em Linguística e Letras pela PUC-RS. Atualmente, é professora e pesquisadora na UFPB.

 <https://orcid.org/0000-0001-8964-1573>

**Recebido** em: 13 ago. 2021. **Aprovado** em: 17 set. 2021.

**Como citar este artigo:**

SOARES, Poliana; KUNZ, MARINÊS ANDREA. Enunciação e tradução em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* e *Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus*. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 10, n. 4, p. 155-180, dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8408919>

**RESUMO**

O artigo propõe uma análise interdisciplinar entre a Literatura do gênero discursivo diário, a Linguística e a Tradução. Aborda a escrita de si a partir dos pressupostos de Lejeune (2008), associada à Teoria da Enunciação, de Benveniste (2005; 2006), relacionando as categorias de pessoa, tempo e espaço à ideia de que toda tradução é uma reescrita e uma manipulação (LEFEVERE, 2007). O objetivo é evidenciar que a tradução para a língua inglesa da obra de Carolina de Jesus, intitulada *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (QD), é resultado de uma nova enunciação que não necessariamente manteve a expressão da subjetividade do enunciado de origem, alterando seu sentido. Para tal, realiza-se uma análise comparativa de trechos de QD e sua respectiva tradução estadunidense — *Child of the Dark: the diary of Carolina Maria de Jesus* —, a partir das marcas e dos traços discursivos em ambos os enunciados e os efeitos de sentido produzidos. O cotejo exploratório e bibliográfico entre as obras ratifica a enunciação como

\*

 [polianas@feevale.br](mailto:polianas@feevale.br)

\*\*

 [marinesak5@gmail.com](mailto:marinesak5@gmail.com)

instauração do sujeito no enunciado e a tradução como processo geracional de uma nova enunciação, que busca aproximar os sentidos, mas não o realiza por completo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Carolina Maria de Jesus; Quarto de Despejo; Literatura Brasileira; Tradução; Teoria da Enunciação.

#### **ABSTRACT**

*This paper is an interdisciplinary analysis involving the discursive literary genre diary, Linguistics and Translation. It discusses self-writing through the assumptions of Lejeune (2008), associated with Benveniste's (2005, 2006) Theory of Enunciation, relating to categories of person, time, and space to the idea that every translation is a rewriting and manipulation (LEFEVERE, 2007). The objective is to demonstrate that the translation of Carolina de Jesus' work called Quarto de Despejo: diário de uma favelada (QD) into English is the result of a new enunciation that does not necessarily kept the expression of the subjectivity of the original one, changing its meaning. Next, a comparative analysis of the QD's excerpts and from its respective American translation — Child of the Dark: the diary of Carolina Maria de Jesus —, is carried out based on the marks and traits contained in both enunciations and the effects of meaning created by them. The exploratory and bibliographic comparison between the works ratifies the enunciation as the establishment of the subject into it and the translation as a generational process of a new enunciation that seeks to prevail the original meanings, but it does not fully accomplish it.*

**KEYWORDS:** Carolina Maria de Jesus; Child of the dark; Brazilian Literature; Translation; The Theory of Enunciation.

## **1 Introdução**

A linguagem humana é cercada de mistérios, muitos dos quais ainda não desvendados plenamente, se isso é possível. Afinal, língua e fala estão em constante processo de transformação e adaptação ao meio social, ao tempo da enunciação e a todos os elementos que compõem o campo cultural da organização social. Ao contrário do que já se acreditou em décadas anteriores, a linguagem exerce um papel amplo que ultrapassa o âmbito da função de expressão individual e engloba a comunicação coletiva nas relações sociais, bem como a própria formação do sujeito.

Entendendo, dessa forma, a linguagem escrita como enunciado resultante da interação verbal e como manifestação cultural da humanidade, este artigo se insere no vasto campo dos estudos da Teoria da Enunciação e na área dos Estudos da Tradução, considerando o ato de traduzir como uma nova enunciação. Apresentamos um recorte interdisciplinar na área da linguística social, abordando as categorias da enunciação “pessoa, espaço e tempo”, propostas por Benveniste (2005; 2006), relacionadas aos aspectos do processo de tradução, o qual é aqui compreendido como uma reescrita da obra original. Integra-se, ainda, essa vinculação linguística às características do texto do gênero discursivo diário, que resguarda aspectos estilísticos que permitem o entrelaçamento necessário entre essas três formas de se vivenciar a linguagem.

O objeto deste estudo é a obra Quarto de Despejo: diário de uma favelada (QD), de autoria de Carolina Maria de Jesus (1960), e a sua tradução para a língua inglesa, na versão estadunidense, realizada por David St. Clair, intitulada *Child of the Dark: the diary of Carolina Maria de Jesus* (CD) (1962). A escolha do corpus está vinculada ao interesse em compreender as razões e os meios que transformaram a obra e sua autora em ícones da literatura brasileira, na atualidade, pelo resgate de seu sucesso efêmero à época de seu lançamento no ano de 1960. Há, também, um desejo particular de estudar a tradução, pois acreditamos que grande parte da canonização da obra está relacionada às inúmeras versões publicadas nesse ínterim, as quais certamente criaram diversas e distintas enunciações a partir do enunciado original, despertando o interesse dos leitores de cada sociedade onde a obra foi publicada e disseminada.

As traduções, possivelmente, empreenderam adaptações da obra à cultura e à língua do público leitor almejado. Por isso, cabe relacionar o entendimento de Lefevere (2007) sobre a reescrita e manipulação de ideologias e fama literária por meio da tradução ao processo da dupla significância dos enunciados (BENVENISTE, 2006), elaborados a partir do entrelaçamento preciso e necessário das instâncias de enunciação (categorias) presentes no diário de Carolina Maria de Jesus. Destarte, não se poderia buscar outro gênero discursivo para análise senão o da escrita de si, uma vez que as categorias de pessoa, tempo e espaço se apresentam bem demarcadas, como, por exemplo, a enunciação na primeira pessoa do singular, o uso de datas, etc., visto que, para Lejeune (2008, p. 15), em uma escrita íntima, “é preciso que haja relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem”, o que nos remete à subjetividade igualmente presente nas enunciações dos diários analisados. Carolina Maria de Jesus é autora, personagem e narradora de seu diário, não havendo dúvidas quanto à presença da intersubjetividade que permeia essas três perspectivas enunciativas, marcadas pelas formas que a linguagem oferece ao locutor para se inserir no discurso.

O embricamento dessas teorias tão específicas, mas concomitantemente indissociáveis, justifica a presente pesquisa, pois a linguagem é um fenômeno complexo e não pode ser estudada apenas separando suas variáveis. Deve ser estudada em funcionamento e aplicada às produções literárias para auxiliar a compreender o ser humano e a sociedade.

O objetivo proposto é, portanto, demonstrar a manipulação e alteração de sentido decorrentes do processo tradutório da obra QD, posto que o texto físico de CD é resultante de uma nova enunciação de autoria do tradutor, na qual interferências e modificações de sentido são

itens gerados pela mudança das categorias de pessoa, tempo e espaço. Ao traduzir, gera-se uma nova enunciação e, impreterivelmente, um novo enunciado diverso em seu sentido.

Os métodos escolhidos para realizar essa interface abrangem ações exploratórias, de leitura e análise dos referenciais bibliográficos selecionados, bem como a elaboração crítica de uma comparação entre os enunciados e os sentidos expressos. Na realização da análise comparativa entre QD e sua tradução, questiona-se: as instâncias da enunciação, quais sejam, pessoa, tempo e espaço, são contempladas na tradução, mantendo a expressividade e a subjetividade pré-estabelecidas próprias do enunciado de origem?

No intento de atender ao objetivo e ao questionamento propostos, o artigo está organizado em quatro seções, sendo esta introdução seguida pela exposição dos fundamentos teóricos utilizados no estudo, apresentando a Teoria da Enunciação e as categorias a serem analisadas, bem como sua relação com o gênero discursivo diário e a tradução. A terceira seção descreve as classificações do estudo e os procedimentos metodológicos adotados para a realização da análise. A seção de número quatro compreende a aplicação dos conceitos base do estudo por meio de uma análise comparativa do recorte do corpus e discute, igualmente, os resultados encontrados a partir do embasamento teórico, encerrando-se com as considerações finais e referências.

## **2 O caminho da linguística até a teoria da enunciação**

É indispensável a referenciação, ainda que superficial, a conceitos como língua e fala, uma vez que o corpus exemplifica, quase que em sua totalidade, os conceitos primários da Teoria da Enunciação de Benveniste (2005; 2006), bem como o conceito de interação discursiva a partir de Volóchinov e o Círculo de Bakhtin (2018), igualmente relacionado. Não obstante, os conceitos alusivos à linguística, sejam eles de uma vertente da filosofia ou da enunciação, utilizados para a análise científica neste estudo, têm sua gênese nas proposições saussurianas, que foram, muitas vezes, questionadas e provocadas a serem pesquisadas em profundidade tanto por Bakhtin (2000) quanto por Benveniste (2005; 2006).

Se investigarmos exaustivamente os estudos de Saussure, Bakhtin, Volóchinov e Benveniste, encontraremos, inevitavelmente, aproximações e dicotomias, e, inclusive, termos distintos para referenciar os mesmos fenômenos linguísticos. Contudo, esses teóricos

demonstraram convergência sobre a complexidade da linguagem e a exigência de estudos que comprovem, ou questionem, essa complexidade.

Entre os postulados, as definições para língua, signo, discurso e enunciação, entre outros, de modo geral, fazem parte do processo amplo que é a linguagem, o que torna delicado separar e rotular isoladamente cada instância desse fenômeno humano, por isso, muitas vezes, é necessário retomá-los no contexto relacional, a fim de que sejam compreendidos.

Antes de abordar a Teoria da Enunciação, as suas categorias e funcionalidades, é mister esclarecer que o artigo intenciona empreender uma fundamentação teórica sobre a enunciação e os meandros conceituais das proposições dos Problemas de Linguística Geral I e II, organizados em diversos artigos de Benveniste (2005; 2006), que são a base teórica da pesquisa. A tradução e o gênero diário são peças que completam o estudo e estão relacionadas em função da escolha do corpus; entretanto, em função da extensão do artigo, há o risco de, talvez, não haver aprofundamento desses tópicos, que certamente merecem mais atenção.

Apresentamos, então, uma linha conceitual para a compreensão dos passos e das conexões pré-estabelecidas na escolha e elaboração deste estudo, a qual principia pela própria linguagem, partindo do entendimento macro para as unidades de significação menores, mas não menos importantes, no intuito de visualizar o processo de maneira ampla. Ao final, incluímos os conceitos basilares da tradução como enunciação e os motivos da escolha do gênero discursivo diário. Assim, na sequência, discorreremos sobre a linguagem para compreender sua constituição e seu uso nas situações de comunicação e interação no meio social.

## 2.1 A linguagem em uso

A linguagem, para Saussure (2006), é constituída pelo conjunto dos hábitos linguísticos (língua e fala) que permitem às pessoas se comunicarem. Na unidade da língua, os signos, decorrentes da combinação do conceito e da imagem acústica, geram um sentido arbitrário, atestando a autonomia da linguagem em relação ao mundo.

Partindo da noção saussuriana de signo e privilegiando a dimensão da *parole* e, portanto, da interação social, que não era o foco do teórico suíço, Volóchinov (2018, p. 91, grifos no original)

pondera que “tudo que é ideológico possui uma *significação*: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um *signo*”. Todo e qualquer meio de expressão da língua intenta manifestar alguma ideia ou um sentido que veicula uma ideologia, um conjunto de ideias e concepções que recobre o signo — “valores axiológicos” —, cuja compreensão não prescinde da análise do contexto sócio-histórico-cultural, reabilitado pela perspectiva volóchinoviana. Assim, como fenômeno semiótico-ideológico, a língua se estabelece entre uma consciência individual e outra, pela interação discursiva, em dada situação comunicativa, situada social e historicamente.

A interação discursiva só é possível por meio da palavra, considerada “o *medium* mais apurado e sensível da comunicação social” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 99) e pressupõe a participação de um locutor<sup>1</sup> e de um interlocutor, que devem estar socialmente envolvidos para que haja comunicação pela linguagem. Assim, a língua, por sua vez, “efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos), concretos e únicos” (BAKHTIN, 2000a, p. 279). Temos, assim, uma clara relação entre os processos de interação discursiva e a enunciação, ambos imputados à linguagem, estabelecidos pela participação de sujeitos e com um objetivo convergente para a realização da comunicação através do discurso, da produção de sentido.

Não é raro nos depararmos com a definição de que a linguagem seria um instrumento de comunicação ou transmissão do discurso e da língua, mas Benveniste (2005, p. 285) ressalta que “falar de instrumento é pôr em oposição o homem e a natureza. A picareta, a flecha, a roda não estão na natureza. São fabricações. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou”, portanto, ela ultrapassa esse conceito primitivo e habita o universo da natureza humana, manifestando-se através da palavra enunciada.

A palavra sozinha, no entanto, fora de um contexto e sem objetivo social, não é nada, é vazia, neutra, apenas significa quando enunciada, colocada em uso, na subjetivação de contextos particulares e únicos de seus enunciadores, pois

as palavras da língua não são ninguém, porém, ao mesmo tempo, só as ouvimos em forma de enunciados individuais, só as lemos em obras individuais, e elas possuem uma expressividade que deixou de ser apenas típica e tornou-se também individualizada (segundo o gênero a que pertence) em função do contexto individual, irreproduzível, do enunciado (BAKHTIN, 2000b, p. 312-13).

---

<sup>1</sup>Locutor ou enunciadador.

Dizer que a palavra é dotada de expressividade quando é individualizada pressupõe o entendimento de que uma mesma palavra pode ser enunciada várias vezes tanto por indivíduos distintos quanto pela mesma pessoa, sem, entretanto, ter o mesmo significado, em razão da subjetividade que impregna cada enunciação e por sua propriedade de irrepetibilidade.

Esse movimento de produção de sentido se dá pelo ato de comunicação, isto é, pela interação discursiva, escrita ou oral, quando um locutor emite uma mensagem — a enunciação —, visando a determinado alocutário<sup>2</sup>, mesmo que este seja fictício ou seja o próprio locutor pelo discurso internalizado, com um objetivo social específico. Nesse sentido, “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p. 82).

E, ainda, a enunciação concentra a participação subjetiva do locutor, um *eu-pessoa* específico, em determinados *espaço e tempo*, tendo em oposição um *tu*, que passa a significar, ou seja, a conferir sentido ao enunciado. Para que tudo isso se torne possível, o locutor deve apropriar-se do que Benveniste (2006) denomina “Aparelho Formal da Enunciação”. Esse processo se dá por meio da linguagem, compreendida para além de um instrumento, pois “não se deixa dividir, mas decompor; suas unidades são elementos de base em número limitado, cada um diferente do outro, e suas unidades se agrupam para formar novas unidades, e estas por sua vez poderão formar outras ainda, de um nível cada vez superior” (BENVENISTE, 2006, p. 225), o que resulta na produção de frases e textos.

As frases, por sua vez, são elementos fundamentais para apreender as ligações desse sistema complexo. Uma vez em uso, elas passam a exprimir um sentido, definido pelo conjunto de palavras, independentemente do idioma, pois

o signo semiótico existe em si, funda a realidade da língua, mas ele não encontra aplicações particulares; a frase, expressão do semântico, não é *senão* particular. Com o signo tem-se a realidade intrínseca da língua; com a frase liga-se às coisas fora da língua; e enquanto o signo tem por parte integrante o significado, que lhe é inerente, o sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor (BENVENISTE, 2006, p. 230, grifo no original).

---

<sup>2</sup>Receptor ou enunciatário.

Então, a partir do entendimento da frase como um sistema de signos, adentramos o campo de atuação da “língua como instrumento de comunicação” (BENVENISTE, 2005, p. 139), mas não apenas, visto que ela é manifestada pelo discurso intencionado de seu enunciador. Surge, então, um novo conceito que precisa ser esclarecido e posicionado dentro desses axiomas: o discurso.

O discurso é parte integrante e irrepitível da enunciação. Quando se fala em discurso, não se faz referência ao enunciado, ao texto escrito, mas, sim, ao sentido que ele expressa a cada enunciação. Compreende o ato da fala e a intenção que os locutores desejam imprimir ao ato da linguagem. Conforme destaca Benveniste (2006, p. 83), em relação ao discurso,

a questão – muito difícil e pouco estudada ainda – é ver como o “sentido” se forma em “palavras”, em que medida se pode distinguir entre as duas noções e em que termos de descrever sua interação. É a semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação, e ela conduz à teoria do signo e à análise da significância.

A enunciação, em suma, é caracterizada, justamente, pela entonação da relação discursiva entre os participantes (locutor e receptor; enunciador e enunciatário; alocutor e alocutário), em especial, a forma e o sentido que o locutor engendra na enunciação. Além disso, um enunciado pode ser repetido; a enunciação, não.

A alteração da funcionalidade da língua, dessa maneira, passa do espaço coletivo e interacionista para o espaço individual e subjetivo, referenciado por Benveniste (2006, p. 84) como o “ato individual de apropriação da língua”, no qual aquele que fala se insere na sua própria fala por meio da enunciação, conferindo ao enunciado forma e sentido.

A forma e o sentido resultam, na mesma linha, da interação entre as categorias enunciativas e o sentido semiótico e semântico expresso pela subjetividade do enunciador, abordadas a seguir.

## 2.2 A dupla significância e as categorias enunciativas

Tendo em vista o objetivo proposto por este estudo, iniciamos a análise do engendramento entre os recursos linguísticos e as escolhas linguísticas (forma) do locutor para se comunicar (sentido). Assim, Benveniste (2005, p. 135) afirma que “forma e sentido devem definir-se um pelo



outro e devem articular-se juntos em toda a extensão da língua”, o que ocorre “por meio de índices específicos, de um lado, e procedimentos acessórios, de outro” (BENVENISTE, 2006, p. 84).

Por ora, interessam as definições de sentido, que é o *status* que todas as formas linguísticas necessitam atingir, para que a língua realize a sua função. Assim, existem dois modos diferentes de a língua significar, os quais são combinados entre si: o modo semiótico e o modo semântico. O sentido semiótico é “fechado sobre si mesmo e contido de algum modo em si mesmo”, sendo compreendido na relação entre significante e significado; já o sentido semântico é “resultante do encadeamento, da apropriação pela circunstância e da adaptação dos diferentes signos entre eles. Isto é absolutamente imprevisível. É a abertura para o mundo” (BENVENISTE, 2006, p. 21). Dessa forma, é importante compreender que a semiótica é uma propriedade da língua, enquanto a semântica suscita o uso dessa língua pelo locutor.

Ambos os campos de produção de sentido da língua possuem atribuições dentro do sistema, mas só a língua é capaz de articulá-los por meio da Enunciação. Esta faz com que o signo (sentido semiótico) passe para a fala (sentido semântico) e estabeleça a comunicação. Parte-se do princípio de Benveniste (2006, p. 66, grifos no original) de que “o semiótico (o signo) deve ser RECONHECIDO; o semântico (o discurso) deve ser COMPREENDIDO”.

Nessa discussão, a questão fundamental de análise deste estudo é a enunciação, em relação à qual “a ordem semântica se identifica” juntamente com o “universo do discurso” (BENVENISTE, 2006, p. 66). O fato de engendrar diferentes sentidos cada vez que ocorre a enunciação está ligado aos índices específicos de ostensão (BENVENISTE, 2006, p. 85). Como a complexidade da linguagem avança para além do sistema de signos e passa a ser assumida pelos indivíduos como uma ação da língua em funcionamento, que é a Enunciação, esta pressupõe uma referenciação entre os indivíduos participantes, que passam a assumir posicionamentos, uma vez que,

na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação (BENVENISTE, 2006, p. 84).

Nessa mobilização de referir-se pelo discurso, as instâncias da enunciação exercem suas funções. Benveniste (2005; 2006) sugere três categorias da enunciação responsáveis por lhe dar sentido: categoria de pessoa, de tempo e de espaço. Assim, toda a enunciação é produzida a partir de um *eu* enunciador, que se coloca como sujeito em seu discurso, em que também se percebe uma determinação de tempo e um posicionamento do espaço onde este enunciador se insere no momento de sua alocação.

### 2.2.1 As categorias de pessoa, tempo e espaço

Em relação à categoria de pessoa, a enunciação é sempre direcionada para o ouvinte, mesmo que este seja fictício. A instauração dessa instância na enunciação é realizada pelas formas pronominais pessoais, de modo que quem fala se refere sempre pelo indicador *eu* a si mesmo, em oposição a um *tu* e a um *ele*. Assim, fundamenta-se a subjetividade, pois

a consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade – que eu me torne *tu* na alocação daquele que por sua vez se designa como *eu* (BENVENISTE, 2000, p. 286, grifos no original).

A linguagem, nessa perspectiva, expressa a subjetividade, fornecendo as formas linguísticas adequadas para isso. Nota-se que, nessa categoria, o pronome *ele* não aparece na relação, pois o uso do *eu* implica falar de mim e pressupõe um *tu*, que é necessário e solicitado pelo *eu*, não podendo ser pensado fora desse contexto; a enunciação do *ele* ocorre fora dessa relação *eu-tu*, por isso a “terceira pessoa” não é considerada uma “pessoa”, constituindo, inclusive, a forma verbal que tem por função exprimir a impessoalidade (BENVENISTE, 2005).

Essa compreensão da subjetividade ou da impessoalidade invocada no discurso é corroborada por outra categoria de igual importância: o tempo. Este pode ser dividido em três distintas classificações explicitadas por Benveniste (2006): o tempo físico, o tempo cronológico e o tempo linguístico. Em resumo, o tempo físico é aquele compreendido no universo, um contínuo e infinito que cada indivíduo mede pelo seu ritmo e noção de vida; já o tempo cronológico compreende os acontecimentos contidos no tempo, é o tempo demarcado; e o tempo linguístico é o momento da enunciação, o qual interessa nesta análise.

O tempo linguístico é o tempo da Enunciação, que é sempre o tempo presente, pois estabelece um “agora”. E a partir desse momento, é que se pode estabelecer os acontecimentos que ocorrem antes (passado) e os que ocorrem depois (futuro) do momento da enunciação. Portanto,

o presente é propriamente a origem do tempo. Ele é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque, é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o “agora” e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo (BENVENISTE, 2006, p. 85).

A língua é organizada pela categoria linguística do tempo, por isso, o locutor sempre se situa no presente, e todas as vezes que ele enunciar, será sempre um novo presente. O estabelecimento dos tempos verbais não marca um tempo cronológico, mas situa o locutor em relação ao presente em que ele se encontra ao explicitar sua enunciação. A relação do tempo com o *eu* se estabelece quando o interlocutor consegue conceber o “meu tempo” como o “seu tempo”, sendo que a existência desse tempo presente é implícita.

As instâncias da enunciação, como visto, são responsáveis pela subjetividade e pelo sentido do discurso da enunciação. Pessoa e tempo se correlacionam através dos pronomes pessoais e dos tempos verbais, já o espaço, o lugar de onde se enuncia, é estabelecido, em geral, pelo uso de pronomes demonstrativos e advérbios. Assim, Benveniste (2005, p. 280) assegura que “o essencial é, portanto, a relação entre o[s] indicador[es] (de pessoa, de tempo e de lugar) e a *presente* instância do discurso”. Por suposto, é pela ordem da prática que a pessoa é colocada na sociedade como sujeito participante e subjetivo, e esta ordem se desenvolve em um complexo sistema de “relações espaço-temporais que determinam os modos de enunciação” (BENVENISTE, 2006, p. 101).

A linguagem compreendida nessa fundamentação teórica não faz distinção de língua (idioma), pois compreende que esses aspectos são comuns a qualquer língua humana. Em se tratando das categorias de enunciação, Benveniste (2005) acredita que toda e qualquer língua consegue estabelecer essa relação de sentido no discurso. Certamente, as categorias não ocorrem da mesma forma, mas cada língua encontra um meio para significar.

Nessa perspectiva, é necessário abordar brevemente, na próxima seção, alguns aspectos do processo de tradução e do gênero discursivo, a fim de proceder à análise das categorias na

obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, tanto na língua portuguesa quanto na língua inglesa. Na seção da análise, verificar-se-á, por meio de trechos dos textos, o uso dessas categorias.

### 2.3 A tradução como nova enunciação e o gênero discursivo diário

A opção por uma análise de Teoria da Enunciação relacionada à tradução é um meio de afirmar, de antemão, que as traduções passam por um processo de produção de sentido, que parte do contato do tradutor com o original a ser traduzido. A partir de então, o tradutor torna-se igualmente autor, mas de sua própria enunciação, pois traduzir configura-se em um ato de interpretação que exige moderação para estabelecer sentidos, se não iguais, pelo menos próximos aos do texto da enunciação original.

Nesse processo, o tradutor passa a utilizar-se de sua subjetividade para se marcar no texto que traduz, pois é ele quem decide e estabelece que termos usar ou não usar. Por esse motivo, a tradução é uma opção valiosa e rica em exemplos para uma análise de categorias da enunciação, uma vez que pode ser considerada “uma reescritura de um texto original. Toda reescritura, qualquer que seja sua intenção, reflete uma certa ideologia e uma poética e, como tal, manipula a literatura para que ela funcione dentro de uma sociedade determinada e de uma forma determinada” (LEFEVERE, 2007, p. 11).

Essa manipulação confere ao texto traduzido a necessidade de pensar, adequar e, se necessário, modificar as categorias da enunciação, causando alterações de sentido. Benveniste, que (2006, p. 233) estabeleceu critérios básicos sobre a questão do sentido no processo tradutório e na dupla significância da língua, argumenta que se pode “transpor o semantismo de uma língua para o de uma outra; [...], mas não se pode transpor o semiótico”, o que resultaria na impossibilidade da tradução por essa via de significação, justamente pela arbitrariedade do signo.

Dessa forma, é possível que se encontrem palavras correspondentes e capazes de aproximar o significado semântico entre as línguas envolvidas nesse processo, no entanto, seu sentido semiótico em diferentes contextos socioculturais será o obstáculo para que se obtenha uma tradução literal, tornando-se necessário a manipulação, a alteração ou até a omissão de termos e expressões que não encontrem equivalência nas duas culturas. Portanto, não é possível realizar uma tradução sem interferências, motivo pelo qual ratificamos o posicionamento de

Lefevere (2007) de que, ao traduzir, temos uma nova enunciação, apesar de pautada no mesmo enunciado. Além disso, as alterações e as adaptações em textos traduzidos também são resultados das escolhas ideológicas e das estratégias dos tradutores, as quais podem favorecer a obra de partida, na tentativa de se manter fiel ao original, sem interferências – o que não é possível, ou, privilegiar o entendimento dos leitores da língua de chegada, aproximando o texto traduzido da realidade cultural da sociedade que o receberá.

Além da escolha de uma análise comparativa entre original e tradução, o gênero discursivo também incide sobre os resultados da pesquisa. A obra de Carolina Maria de Jesus constitui-se de um diário, gênero que pressupõe uma escrita com uma linguagem própria sobre a realidade vivenciada, compreendido como um ato social (LEJEUNE, 2008).

Os gêneros do discurso, na concepção bakhtiniana (BAKHTIN, 2000a, p. 279, grifo no original) são *tipos relativamente* estáveis de enunciados, nos quais é imprescindível a aplicação de estilos e categorias enunciativas para compor o gênero que se deseja. No caso do diário, “da escrita de si, pressupõe[-se] que haja identidade de nome entre o autor, o narrador e a pessoa de quem se fala. Esse é um critério muito simples, que define, além da autobiografia, todos os outros gêneros da literatura íntima” (LEJEUNE, 2008, p. 24).

O diário pode ser incumbido de diversas funções, mas, em geral, a principal “trata-se da expressão, da reflexão, da memória e do prazer de escrever” (LEJEUNE, 2008, p. 275), o que está intimamente relacionado às características de Carolina Maria de Jesus, a qual escreve porque tem uma relação com o prazer e o desejo da escrita, por meio da qual ela pôde se expressar em um espaço, até a publicação, livre de julgamentos.

Os registros do gênero discursivo diário são datados, especificando o tempo cronológico que indica um espaço no tempo de enunciação do acontecimento; nos enunciados, há o predomínio da utilização da primeira pessoa do singular (eu), por meio da qual o locutor enuncia e se insere na fala através de sua subjetividade; e a ocorrência do tempo dessa enunciação dá-se no pretérito perfeito, pois, usualmente, se registram os fatos que ocorreram em determinado lugar no espaço de tempo (passado) anterior ao da enunciação que se registra (presente). Concomitantemente, entende-se que, no diário, “alguém que diz a verdade sobre a própria vida está pedindo que sua pessoa seja aprovada, julgada positivamente [...], está pedindo, além disso, uma certa admiração por seu texto e sua capacidade de escrita” (LEJEUNE, 2008, p. 210).

Com essa concisa conceituação sobre a relação da tradução e o gênero do discurso diário, encerra-se esta seção, sem esquecer que Carolina Maria de Jesus escreveu diários sem ter a consciência dos parâmetros que o regiam, e sob certa orientação do repórter Audálio Dantas<sup>3</sup>, o que não será um impedimento, mas sim uma grande possibilidade de ampliar e comprovar a complexidade da linguagem. Na seção três, explicita-se a metodologia de análise.

### 3 Procedimentos de análise

Mediante a base teórica exposta, este estudo elegeu a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, e o livro da tradução estadunidense, realizada por David St. Clair, sob o título de *Child of the Dark: the diary of Carolina Maria de Jesus*, como *corpus* analítico. As obras inserem-se no gênero discursivo diário, apresentando divisão por datas, de modo que, para este artigo, optamos por selecionar os registros do primeiro ano do relato, o que compreende de 15 de julho até 28 de julho de 1955. O recorte busca sintetizar a análise, visto que o conteúdo e as estruturas são repetitivos, de forma que os resultados poderão ser estendidos em igual proporção aos demais capítulos das obras, sem prejuízos ou modificações dos dados, por ora. Além de compreender o período que a autora registrou sua escrita na incerteza de que seriam publicados, fato que se modifica a partir de 1958, quando ela e Audálio Dantas passam a se conhecer.

Em relação à natureza, a pesquisa é qualitativa, com fins exploratórios e procedimentos bibliográficos. A análise busca identificar as categorias de enunciação propostas nos estudos de Benveniste (2005; 2006) — pessoa, espaço e tempo — no texto da obra compreendida como original, redigida em língua portuguesa. Na sequência, o mesmo processo é realizado com o texto traduzido, contrapondo os resultados aos encontrados no original. Após, são analisadas as alterações encontradas em cada categoria, observando as mudanças de sentido ocasionadas, ou não, pela nova enunciação da tradução.

Os critérios da análise comparativa e das categorias levarão em conta as características do gênero discursivo da obra, diário, postuladas por Lejeune (2008), bem como os aspectos do

---

<sup>3</sup>Carolina Maria de Jesus parou de escrever em seu diário em 1955. Retomou sua escrita após seu contato com o repórter Audálio Dantas, em 1958. Trechos dos manuscritos e do próprio livro QD indicam que houve certa orientação sobre o que escrever, que gera conteúdo para um novo estudo, não contemplado nesta publicação.

processo de tradução compreendido como manipulação dos textos que lhe são submetidos, mas nem sempre no sentido negativo. Os resultados da análise serão sintetizados para avaliar se as alterações nas categorias são suficientes para promover mudanças ou um novo conteúdo no enunciado. A análise e seus resultados estão descritos na seção seguinte.

#### 4 Análise das categorias da enunciação

Nas seções anteriores, tomamos conhecimento sobre os sistemas que compõem a linguagem, seus conceitos e possibilidades, mas principalmente sobre o uso da linguagem pelo ser humano. O artigo, neste viés, é uma tentativa de analisar o gênero diário — original e tradução — a partir da Teoria da Enunciação, que pressupõe as categorias de pessoa, tempo e espaço, em um enunciado escrito.

Nesta seção, portanto, cotejamos as obras de Carolina Maria de Jesus “Quarto de Despejo: diário de uma favela” e *Child of the Dark: the diary of Carolina Maria de Jesus*, para verificar se a reescrita, a partir do processo tradutório, realizou mudanças que alteraram o sentido expresso pela obra original.

A intenção não é, evidentemente, julgar a qualidade da tradução, mas buscar evidências que possam levar à compreensão do sucesso da obra no Brasil e nos Estados Unidos e, por conseguinte, de sua autora. Estabelecemos as categorias da enunciação — pessoa, tempo e espaço (BENVENISTE, 2005; 2006) — como categorias de análise.

##### 4.1 Contextualização e análise

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, Minas Gerais, em 1914. É descendente de escravos e veio para a cidade de São Paulo após o falecimento de sua mãe, na tentativa de escapar da fome e da miséria. A autora frequentou a escola por dois anos, no ensino primário, ainda muito jovem, por iniciativa dos patrões de sua mãe. Foi nesse contexto que ela recebeu sua curta instrução formal, mas o gosto pela leitura e pela escrita sempre estiveram presentes por toda a sua vida.

Com a mudança para São Paulo, Carolina se estabelece na Favela do Canindé, às margens do Rio Tietê, hoje, extinta, pois cedeu lugar à rodovia Marginal Tietê e ao Estádio do Portuguesa. Mãe de três filhos pequenos e sem estudo, Carolina passa a catar papel e outros materiais recicláveis para sobreviver, entre os quais, livros, revistas e cadernos usados, que eram levados para seu barraco e guardados para momentos de leitura e/ou para sua escrita. Assim nasceu a escritora Carolina, que escrevia poemas e contos, mas também sobre o cotidiano da favela para escapar da dura realidade da pobreza.

Em 1958, o então repórter Audálio Dantas soube da existência de seus manuscritos e a auxiliou a publicá-los. O primeiro livro publicado foi o *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, em 1960, dois anos após o primeiro encontro com o repórter. O sucesso de vendas foi algo incomum para o sistema literário brasileiro, segundo as críticas da época, pois Carolina chegou a ultrapassar os números em vendas dos livros de Jorge Amado. O fato de a autora não se enquadrar nos parâmetros literários, gramaticais e sociais de um literato dessa época também despertou a curiosidade dos leitores, além do conteúdo impactante e nunca antes exposto, quiçá por uma mulher da margem da sociedade e, por isso, excluída do universo letrado.

Toda essa excitação despertou o interesse mundial, e a obra, não apenas QD, mas outros títulos posteriores, foram traduzidos e disseminados em diversas culturas e sociedades, o que justifica esta análise. A tradução de CD foi realizada por David St. Clair dois anos após a primeira edição do original. O tradutor baseou-se na obra em língua portuguesa, editada e publicada por Dantas, e buscou conhecer mais sobre a cultura brasileira e sobre o dia a dia de Carolina na intenção de manter certa fidelidade à sua tradução. Mas não há registros de que tenha acessado os manuscritos da obra, e, ao iniciar a análise pelos títulos, resta evidente que houve alterações no enunciado em língua inglesa.

O título do livro original faz menção ao gênero de texto que o leitor irá encontrar, bem como à condição de miséria de sua autora, atestada pelo adjetivo “favelada” — ambas as informações estão no subtítulo: “**diário** de uma **favelada**”. O título e subtítulo escolhidos para a versão estadunidense mantêm o nome da autora e revelam ser um diário, porém, apagam a



presença da favela e dramatizam o sentido do discurso, com enfoque na personagem-autora, como “filha da escuridão”<sup>4</sup>: “*Child of the Dark: the diary of Carolina Maria de Jesus*”<sup>5</sup>.

No que tange à análise das categorias de enunciação nas obras QD e CD, foram definidos recortes e limites, para interpretar os sentidos expostos em cada enunciado. O recorte abrange os registros do diário compreendidos entre 15 de julho a 28 de julho de 1955, cuja escolha se deve ao fato de ser o início, ainda em fase experimental, sem um objetivo aparente senão o da própria escrita.

Realizamos a primeira leitura no diário em língua portuguesa, e, posteriormente, seguindo a sequência do capítulo, que é dividido por datas, a leitura correspondente em língua inglesa. Nessa primeira aproximação, identificamos as características do gênero discursivo e as categorias da enunciação utilizadas com mais frequência, em quais momentos e com qual intenção de sentido.

Na segunda leitura, foi elaborada uma tabela comparativa com as passagens dos diários com possíveis manipulações e alterações de sentido. A partir daí, foi realizada uma análise qualitativa, com base na Teoria da Enunciação, das características discursivas do gênero diário e do processo de tradução. Os resultados foram separados nas respectivas categorias para melhor visualização, iniciando pela análise de Categoria de Pessoa, na próxima seção.

Por se tratar de enunciação e sentido, o contexto geral da obra e a análise de todo o enunciado são fundamentais para alcançar os sentidos expressos pela autora e pelo tradutor, ambos compreendidos como autores de suas enunciações, responsáveis por enunciados diferentes, em função da língua.

#### 4.1.1 Categoria de Pessoa

A escrita de Carolina, no diário, é realizada a partir do uso da primeira pessoa do singular (*eu*), assim como, em algumas passagens, da primeira pessoa do plural (*nós*), além da

---

<sup>4</sup>Tradução nossa para: “*Child of the Dark*”.

<sup>5</sup>Há também uma versão britânica de título: “*Beyond all pity: the diary of Carolina Maria de Jesus*”, do mesmo tradutor e com o mesmo conteúdo, no entanto, o título, possivelmente, foi direcionado para o público e para o contexto de recepção da obra.

impessoalidade com o uso da terceira pessoa do singular (*ele/a*). Mesmo sem formação escolar avançada, a autora demonstrou ter conhecimento do uso adequado do “Aparelho Formal da Enunciação”, uma vez que utilizou a categoria de pessoa de forma diversificada e efetiva.

O uso do eu está associado aos trechos nos quais Carolina relata as suas atividades diárias, como fazer o café, alimentar as crianças, lavar roupas, acordar etc. A autora revela seu posicionamento enquanto sujeito, pois se inclui na enunciação, conferindo maior veracidade ao narrado, por exemplo, como indica o excerto: “**Eu achei** um par de sapatos no lixo, **lavei e remendei** para ela calçar” (JESUS, 1960, p. 13) e “***I found a pair of shoes in the garbage, washed them, and patched them for her to wear***” (JESUS, 1962, p. 3).

Diferente da subjetividade expressa pelo *eu*, o *nós* apresenta as falas coletivas de Carolina. Ela se inclui no discurso, mas utiliza-se do plural para elaborar um sentido de validação e de aprovação a seus pensamentos sociais: “Todos **nois** temos o nosso dia de alegria” (JESUS, 1960, p. 25) e “***All of us have one happy day***” (JESUS, 1962, p. 17). O emprego do plural também pode ser compreendido como um recurso para referenciar as ideias da autora que expressam vozes sociais com as quais ela concorda, já que o uso do “plural é um fator de ilimitação” (BENVENISTE, 2006, p. 258) e constitui a presença do eu.

A impessoalidade é igualmente muito clara e marcada em seu enunciado, pois é empregada nos registros em que Carolina se refere aos moradores da favela, dos quais ela se exclui: “**Elas** alude que não sou casada” (JESUS, 1960, p. 17) e “***They gossip that I’m not married***”<sup>6</sup> (JESUS, 1962, p. 8). O emprego da terceira pessoa, neste caso, revela a diferença que a autora institui entre si e as vizinhas, tendo em vista que não se identifica com elas, na medida em que anseia viver fora do quarto de despejo. Vendo os demais moradores com preconceito e distinguindo-se deles pela forma de ver o mundo e por sua escrita, ela se identifica com quem mora em casas de alvenaria. Assim, o emprego da terceira pessoa constitui um recurso significativo quanto às relações de identidade no diário de Carolina.

---

<sup>6</sup>No prefácio, o tradutor comenta sobre a escrita não consistente na língua portuguesa e informa que nada disso foi alterado na tradução, mas ocorre justamente o oposto. Apesar de manter as categorias de pessoa ao traduzir, não há interesse em manter o estilo da oralidade da escrita da autora, conforme os excertos apresentados. No primeiro, o pronome “nóis” é traduzido e corrigido para “us”, e no segundo, a expressão “Elas alude” é traduzida para “*They gossip*”, sem levar em consideração a flexão inadequada do verbo no texto de partida, o que se estende para todo o texto traduzido.

Em relação à tradução, em sua maior parte, a reescrita conseguiu manter a mesma pessoa nos enunciados. Há, porém, algumas alterações de pessoa na enunciação que alteram o sentido, no entanto, são decorrentes de equívocos de tradução em função do contexto social, tema que não será abordado neste artigo.

Destacamos duas passagens em que houve alteração da categoria pessoa (Tab. 1).

**Tabela 1:** Alterações na Categoria de Pessoa

a) “Avisei as crianças que <b>não tinha</b> pão” (JESUS, 1960, p. 13).
“I told children that I <b>didn’t have</b> any bread” (JESUS, 1962, p. 4).
b) “ <b>Deu</b> 13 cruzeiros” (JESUS, 1960, p. 13).
“ <b>He gave</b> me 13 cruzeiro” (JESUS, 1962, p. 3).

**Fonte:** Elaborado pela autora (2021).

Em ambos os casos, a enunciação do original estava na impessoalidade, categoria de não-pessoa. Na tradução, na alínea “a”, o locutor passa a assumir a posição de *eu*, enfatizando a subjetividade da locutora. Em português, a expressão “não tinha” pode ser compreendida como “não havia”, que é uma forma de impessoalidade, rompida na tradução. Já na “b”, o verbo “deu” expressa o sentido de “resultou”, e, na tradução, ocorre o destaque para o pronome pessoal da terceira pessoa do singular - ele, alterando o sentido expresso pela impessoalidade. Portanto, este pronome passa a referir-se a um personagem da narrativa, alterando, sutilmente, o sentido e a própria característica da subjetividade da enunciação da autora. Pessoa e Tempo estão conectados e estabelecem significações importantes para a enunciação, por isso, prosseguimos a análise com a Categoria de Tempo

#### 4.1.2 Categoria de Tempo

Estreitamente relacionado à categoria de pessoa, o uso da categoria tempo é mais comprometido do que as demais categorias nas relações de tradução, pois nem todos os tempos verbais em Língua Portuguesa e em Língua Inglesa são correlatos. O tempo linguístico posiciona a Carolina enunciativa em um momento antes ou depois do presente da enunciação, mas não há uma preocupação estética em ordenar estes posicionamentos através do recurso verbal. Porém,

na tradução, essa preocupação existe, de modo que as frases são reorganizadas nos tempos linguísticos para garantir coesão e coerência. Todavia, a marca da escrita particular da autora se apaga, assim como sua presença no enunciado, a qual cede espaço para o enunciado do tradutor. Dessa forma, a enunciação já não é a mesma, e os sentidos já não expressam as mesmas ideias; contudo, há uma tentativa de aproximação na acepção das frases, mas, na obra reescrita, predominam os interesses do público receptor, em detrimento da visibilidade às características da escrita fragmentada da autora.

A predominância do tempo linguístico é o uso do pretérito perfeito para as suas ações diárias, enunciadas pelo *eu*, conforme o exemplo: “**Peguei** uma revista e **sentei** no capim” (JESUS, 1960, p. 14) e “**I picked up** a magazine and **sat** on the grass” (JESUS, 1962, p. 4). Há o uso do presente no resgate político e social de suas ideologias, enunciadas pelo *nós*: “Mas o custo dos generos alimenticios **nos impede** a realização dos nossos desejos” (JESUS, 1960, p. 13) e “*but the price of food keeps us from realizing our desires*” (JESUS, 1962, p. 3). E, em alguns momentos, há, também, o uso do presente para reproduzir em sua enunciação os diálogos das personagens de suas histórias diárias: “A dona da tinturaria disse: - Coitada! Ela **é** tão boazinha” (JESUS, 1960, p. 26) e “*Poor thing. She is so good*” (JESUS, 1962, p. 17).

O tempo presente, da mesma forma, figura os pensamentos e sentimentos da autora quando está registrando seu diário, manifestando sua consciência: “Pensei na vida atribulada que eu levo. **Cato** papel, **lavo** roupa para dois jovens, **permaneço** na rua o dia todo. E **estou** sempre em falta” (JESUS, 1960, p. 14). Na versão estadunidense, o tempo presente é substituído pelo verbo como sujeito, acrescido do prefixo *-ing*, estando, neste caso, no gerúndio: “*I thought of worrisome life that I led. Carrying paper, washing clothes for the children, staying in the street all day long. Yet I’m always lacking things*” (JESUS, 1962, p. 4). Porém, se traduzido, o gerúndio, nesta situação, adequa-se ao infinitivo da língua portuguesa. Desta forma, percebemos, mais uma característica entre os sistemas linguísticos em análise que gera alteração no sentido a partir da enunciação, quando modificada e adaptada a categoria do tempo.

Já o uso do futuro está relacionado aos momentos nos quais ela projeta na sua enunciação uma ação a ser feita após finalizar a escrita de seu diário: “E **vou sair** para catar papel”, ou, “E eu, **vou lavar** as crianças **para irem** para o leito, porque eu **preciso** sair.” (JESUS, 1960, p. 14 e 18) e “*I’m going out to look for paper*”, ou, “*And I, I have to wash the children so they can go to bed, for I have to go out*” (JESUS, 1962, p. 4 e 9). No primeiro exemplo, a tradução mantém o tempo

futuro, mas, no segundo, ele é adaptado para o uso dos verbos modais *have to* e *can*, expressando o sentido de necessidade e possibilidade de realizar tais atividades, respectivamente. Porém, no texto original, apenas a frase “eu preciso sair” expressa a necessidade, sendo as demais ações compiladas à condição para que o último fato ocorra. São alterações sutis, mas elas são responsáveis por construir o perfil da autora-narradora-personagem, essas mudanças implicam na recepção da obra.

A categoria de tempo, na tradução, mostra-se um desafio para o tradutor, pois a Língua Inglesa não possui uma especificação do tempo verbal do pretérito imperfeito. No entanto, assim como destacado por Benveniste (2005; 2006) sobre as diferenças nas línguas, a Língua Inglesa tem outras formas e recursos linguísticos que podem auxiliar a atingir os sentidos evocados nestes discursos, como o uso de pronomes e advérbios, por exemplo. Destacamos outros trechos com alteração do tempo linguístico que modificaram o sentido dos enunciados (Tab. 2):

**Tabela 2:** Alterações na Categoria de Tempo

a) “A minha filha Vera Eunice <b>dizia</b> : - Vai buscar agua mamãe!” (JESUS, 1960, p. 13).
“ <i>My daughter Vera Eunice <b>said</b>: “Go get some water, Mother!”</i> ” (JESUS, 1962, p. 4).
b) “Fui ao <b>seu</b> Manoel <b>levar</b> umas latas para vender” (JESUS, 1960, p.13).
“ <i>I went to <b>Senhor</b> Manuel, <b>carrying</b> some cans to sell</i> ” (JESUS, 1962, p. 4).

**Fonte:** Elaborado pela autora (2021).

A alteração do tempo linguístico na tradução de QD para o inglês está relacionada à questão da incompatibilidade da língua e a diferença entre a tradução semiótica, que não é possível, e a tradução semântica, que é viável, pois nem todas as línguas manifestam suas categorias enunciativas da mesma forma, o que, todavia, não as impede de expressá-las. Na tradução, na alínea “a”, ocorre a mudança de pretérito imperfeito para o pretérito perfeito. Com o emprego do pretérito imperfeito, o sentido expresso pela categoria tempo (verbo) na enunciação original traz ao leitor uma sensibilidade na narrativa. É a noção de que, quando a ação acontecia, o relatado não era um acontecimento isolado, mas parte de uma concomitância de atos ocorridos no momento anterior ao da enunciação; diferentemente do sentido gerado na obra traduzida, em que a situação se torna menos sentimental e mais como um comando, uma ordem.

Na alínea “b”, com a alteração do tempo de infinitivo para o gerúndio, a compreensão de sentido fica atrelada ao entendimento do contexto cultural e da escrita, uma vez que, na língua de origem, o sentido expresso pelo tempo linguístico é de que as latas foram levadas com a finalidade de serem vendidas para o Seu Manoel, ao passo que, com o uso do gerúndio na língua inglesa, a compreensão é dúbia, podendo, também, ser entendido que o enunciatário estava se deslocando para o Seu Manoel apenas portando as latas. Assim, não fica evidente que elas seriam vendidas para ele, podendo ser vendidas para qualquer pessoa.

#### 4.1.3 Categoria de Espaço

A categoria de espaço é menos marcada na enunciação dos diários, talvez por estar implícito que as histórias ocorreram na Favela do Canindé, lugar de residência da autora, e por ela compreender que a escrita do diário se deu nesse espaço, já demarcando o lugar, o espaço de onde se enunciava. A demarcação do lugar de enunciação é sutil, realizada por meio do uso de poucos advérbios de lugar ou pronomes demonstrativos, como este exemplo, que define o espaço pelo nome da rua e pelo advérbio: “Ele estava na **rua Felisberto de Carvalho perto do mercadinho**” (JESUS, 1960, p. 13) e “*He was at **Felisberto de Carvalho Street near the Market***” (JESUS, 1962, p. 3). Mas há certa frequência de uso de nomes próprios e endereços para designar o lugar de fala da autora-narradora, e é este emprego das palavras realizando outras funções que provocam alterações de sentido na tradução (Tab.).

**Tabela 3:** Alterações na Categoria de Espaço

“Escrevi um bilhete e dei ao meu filho João José para <b>ir ao Arnaldo</b> comprar um sabão, dois melhoraes e o resto de pão” (JESUS, 1960, p. 14).
---

“ <i>I wrote a note and gave it to my boy João <b>to take to Senhor Arnaldo</b> to buy soap, two aspirins, and some bread</i> ” (JESUS, 1962, p. 4).
--

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

A alteração de sentido nessas ocorrências influencia o entendimento do estilo de escrita da autora e acaba retirando de sua enunciação a ideia do espaço da enunciação e do próprio lugar onde Arnaldo está. No trecho em Língua Portuguesa, o nome transforma-se em um espaço,

enquanto na tradução, Arnaldo assume o *status* de pessoa pela inclusão da segunda preposição “to” e da inclusão, em Língua Portuguesa, do pronome de tratamento “Senhor”.

Após essa breve análise, foram identificadas, além de algumas alterações de categorias de enunciação, termos com sentidos estritamente culturais que foram alterados para melhorar a compreensão do público-alvo, estratégia que corrobora a eficiência na manipulação da reescritura (LEFEVERE, 2007).

As alterações deram-se pela necessidade de adaptação entre os sistemas de texto, língua e cultura. No entanto, não foram abordadas as possibilidades que poderiam ser utilizadas na tradução para aproximar ainda mais os sentidos e manter a fidelidade do discurso enunciativo da obra, que é um dos motivos de seu permanente sucesso no estrangeiro.

### Considerações finais

O estudo proposto realizou uma análise segundo os pressupostos da Teoria da Enunciação de Benveniste (2005, 2006), a partir de uma perspectiva interdisciplinar entre as áreas da Literatura, Linguística e Estudos da Tradução.

Por compreender a linguagem como necessária à sociedade e a língua como parte deste sistema de comunicação por meio da fala e da escrita, estabelecemos uma relação entre esses conceitos, delimitada pela seleção de uma obra do gênero discursivo diário e sua tradução para a Língua Inglesa. O diário, foi, assim, compreendido segundo os conceitos de Lejeune (2008), em relação às categorias de pessoa, tempo e espaço e à ideia de que toda tradução é uma reescrita e uma manipulação (LEFEVERE, 2007), visto que, ao traduzir, gera-se uma nova enunciação por parte de um novo enunciado, que, por fim, desencadeia sentidos distintos do original.

A análise teve como base o questionamento se as instâncias de enunciação, quais sejam, pessoa, tempo e espaço, são contempladas na tradução, mantendo a expressividade e a subjetividade pré-estabelecidas no enunciado de origem e pelo seu gênero discursivo. O objetivo principal, nesse sentido, foi demonstrar a alteração de sentido decorrentes do processo tradutório da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de autoria de Carolina Maria de Jesus, posto que o enunciado de *Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus* é o resultado da

enunciação do tradutor, na qual modificações de sentido e outras interferências ocorrem pela mudança das categorias de pessoa, tempo e espaço (Categorias da Enunciação), tanto pelas opções e escolhas subjetivas do autor-tradutor quanto que pelas diferenciações de sintaxe entre a língua de partida e a língua de chegada.

Por meio da análise comparativa, a partir da delimitação temporal dos registros, compreendida entre 15 de julho de 1955 até 28 de julho do mesmo ano, foram constatados marcas e traços na tradução que causaram efeitos de sentido divergentes dos existentes no enunciado original, como resultado de estratégias adotadas no momento da realização da tradução visando ao público leitor da sociedade para qual ela foi destinada.

O cotejo exploratório e bibliográfico entre as obras ratificou a enunciação como instauração do sujeito no enunciado e a tradução como processo geracional de uma nova enunciação que busca aproximar os sentidos, mas não o realiza por completo. O tradutor prioriza, pois, na sua enunciação o conteúdo social e não o estético original, o que redefine o valor literário da obra no sistema em que é traduzido. Isso vai ao encontro das premissas de Lefevere (2007), o qual fala em refração, ou seja, a concepção de que a tradução é uma forma de refletir a obra original, tendo em vista que ela é adaptada ao público-alvo. Paralelamente à tradução, as notas explicativas e demais paratextos visam a engendrar e orientar a recepção da obra, com o fito de garantir seu sucesso. Assim, certamente, as escolhas tradutórias foram influenciadas pelo perfil do público consumidor e pela imagem da obra e da escritora que se pretendia apresentar, bem como pelo objetivo social que o sistema tradutório almejou ao se interessar pela tradução e publicação da obra.

Essas alterações abarcam desde a tradução de nomes próprios, a adaptação de tempos verbais que não são os mesmos em língua portuguesa e língua inglesa e, principalmente, a mudança das categorias da enunciação, foco desta pesquisa. A alteração de pessoa, muitas vezes, diminuiu o carácter subjetivo da enunciação original e estabeleceu um carácter impessoal, voltado para outro discurso, este com acentuação para o carácter social. A mudança do tempo, provocada pelos tempos linguísticos, na maioria das vezes, decorreu das diferenças entre as línguas, sendo impossível transpor literalmente o que se compreende no original. E as alterações da categoria de espaço se relacionaram com o contexto sociocultural, uma vez que o significado das palavras não era possível de transpor, mas seu sentido pôde ser aproximado.



Tudo isso não causa efeito junto aos leitores do original, mas junto a quem lê a tradução e faz dela seu original, porque os discursos se aproximam, mas mobilizam sentidos distintos, relacionados à subjetividade do tradutor e à cultura que recebe a obra traduzida. A análise contribuiu, portanto, com a afirmação da complexidade do sistema da linguagem humana, em especial, da língua, do discurso e da enunciação. O ato da fala, na perspectiva discursiva, é muito mais revelador do que se pode perceber na simples decodificação.

Diante disso, destaca-se a importância e a responsabilidade do papel do tradutor, compreendendo a tradução, para além de um sistema de signos, como parte de um sistema cultural. Os estudos da tradução também podem ensejar pesquisas na área da Estética da Recepção que se ocupem da recepção da obra de Carolina Maria de Jesus em outros países, considerando as traduções para treze línguas diferentes.

<b>CRedit</b>
<b>Reconhecimentos:</b> Não é aplicável.
<b>Financiamento:</b> Não é aplicável.
<b>Conflitos de interesse:</b> Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
<b>Aprovação ética:</b> Não é aplicável.
<b>Contribuições dos autores:</b> Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: SOARES, Poliana.  Visualização, Escrita - revisão e edição: KUNZ, Marinês Andrea.

## Referências

- BAKHTIN, M. M. Estética da criação verbal. 3. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2000.
- \_\_\_\_\_. Os Gêneros do Discurso. I Problemática e Definição. In. \_\_\_\_\_. Estética da criação verbal. 3. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2000a. p. 279 – 287.
- \_\_\_\_\_. Os Gêneros do Discurso. II O Enunciado, unidade da comunicação verbal. In. \_\_\_\_\_. Estética da criação verbal. 3. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2000b. p. 289 – 326.
- BENVENISTE, Émile. Problemas de linguística geral II. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. Problemas de linguística geral I. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: Diário de uma favelada. 1 ed. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

\_\_\_\_\_. *Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus*. Trad. David St. Clair. Nova York: New American Library, 1962.

LEFEVERE, André. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru: Edusc, 2007.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau a internet*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo, SP: Cultrix, 2006.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 2. ed. São Paulo, SP: Editora 34, 2018